

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Especialização em Formação em
Docência para a Educação Básica

Ana Carolina Pereira

A FUNÇÃO DO PROFESSOR E A RELAÇÃO ENTRE PARES NO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR: o projeto Van Gogh em uma turma de 2º período

Belo Horizonte
2025

Ana Carolina Pereira

A FUNÇÃO DO PROFESSOR E A RELAÇÃO ENTRE PARES NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: o projeto Van Gogh em uma turma de 2º período

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica.

Área de concentração: Docência e Inclusão escolar

Orientadora: Prof^ª. Nathália Lopes Machado

Belo Horizonte
2025

P436f
TCC

Pereira, Ana Carolina, 1992-

A função do professor e a relação entre pares no processo de inclusão escolar [manuscrito] : o projeto Van Gogh em uma turma de 2º período / Ana Carolina Pereira. -- Belo Horizonte, 2025.

55 p. : il., color.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica. Área de concentração: Docência e Inclusão escolar.

Orientadora: Nathália Lopes Machado.

Bibliografia: f. 51-52.

Apêndices: f. 53-55.

1. Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Inclusão em educação. 4. Arte -- Estudo e ensino (Ensino fundamental). 5. Professores -- Formação. 6. Professores e alunos. 7. Professores -- Prática de ensino.

I. Título. II. Machado, Nathália Lopes, 1994-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação em Docência para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO NONINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOCÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título "A função do professor e a relação entre pares no processo de inclusão escolar: o projeto Van Gogh em uma turma de 2º período", do(a) aluno(a) **Ana Carolina Pereira**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Nathália Lopes Machado (orientador) e Camila Amorim Campos. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte, 12 de julho de 2025.

Aluno(a) Ana Carolina Pereira
Ana Carolina Pereira

Registro na UFMG: 2024694220

Nathalia Lopes Machado
Profa. Ms. Nathália Lopes Machado
Orientador(a)

Camila Amorim Campos
Profa. Ms. Camila Amorim Campos
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação em Docência para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo apoio incondicional, pela paciência nos momentos de ausência e por sempre acreditarem em mim. À minha orientadora, Nathália Lopes Machado, registro minha imensa gratidão pelo cuidado, dedicação e constante presença ao longo de toda esta jornada. Por fim, agradeço às colegas que encontrei nesse caminhar, que tornaram o percurso mais leve, enriquecedor e cheio de aprendizados. A cada um de vocês, meu sincero muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a função do professor e a influência das relações entre pares no processo de inclusão escolar, a partir do desenvolvimento e implementação de uma prática pedagógica inclusiva em uma turma de 2º período da educação infantil. Parte-se das seguintes perguntas norteadoras: Como as práticas pedagógicas podem ser elaboradas para promover uma educação inclusiva e quais são os referenciais teóricos que sustentam essas práticas? Como a atuação do professor e as relações entre colegas influenciam o processo de inclusão escolar em uma turma de 2º período da educação infantil, a partir da elaboração de uma prática pedagógica inclusiva? Para isso, pauta-se teoricamente na noção de práticas pedagógicas inclusivas e dos três de seus princípios, a saber, o papel do professor na inclusão, o laço entre professor e aluno e o convívio entre pares, considerando o desenvolvimento pedagógico das crianças com faixa etária entre 5-6 anos. Tendo esses elementos como base, elaborou-se o projeto Van Gogh de forma a garantir a participação inclusiva de todos os alunos, respeitando suas especificidades e promovendo o desenvolvimento da aprendizagem, criatividade e apreciação pela arte. Neste projeto, foram elaboradas e desenvolvidas atividades com base em estratégias pedagógicas que pudessem acolher as especificidades de todos os alunos, pois, embora não houvesse alunos diagnosticados, existiam alunos que demandavam um olhar atento para as suas particularidades. Foi possível concluir que as práticas pedagógicas inclusivas são essenciais, não apenas para atender alunos com deficiência, mas para reconhecer e valorizar as especificidades de cada indivíduo. A importância de um cuidado atento e sensível, capaz de identificar as necessidades únicas de cada aluno, reflete-se nas relações interpessoais entre os colegas e na relação professor e aluno, promovendo um ambiente de aprendizado mais equitativo, rico e significativo.

Palavras-chave: inclusão escolar; práticas pedagógicas; educação infantil; função do professor; relação entre pares.

ABSTRACT

The general objective of this study is to investigate the role of the teacher and the influence of peer relationships in the process of school inclusion, based on the development and implementation of an inclusive pedagogical practice in a 2nd period early childhood education class. The following guiding questions are asked: How can pedagogical practices be developed to promote inclusive education and what are the theoretical frameworks that support these practices? How do the teacher's performance and peer relationships influence the process of school inclusion in a 2nd period early childhood education class, based on the development of an inclusive pedagogical practice? To this end, the theoretical framework is based on the notion of inclusive pedagogical practices and its three principles, namely, the role of the teacher in inclusion, the bond between teacher and student and peer interaction, considering the pedagogical development of children aged 5-6 years. Based on these elements, the Van Gogh project was designed to ensure the inclusive participation of all students, respecting their specificities and promoting the development of learning, creativity and appreciation for art. In this project, activities were designed and developed based on pedagogical strategies that could accommodate the specificities of all students, because, although there were no diagnosed students, there were students who required a close look at their particularities. It was possible to conclude that inclusive pedagogical practices are essential, not only to serve students with disabilities, but to recognize and value the specificities of each individual. The importance of attentive and sensitive care, capable of identifying the unique needs of each student, is reflected in the interpersonal relationships between colleagues and in the teacher-student relationship, promoting a more equitable, rich and meaningful learning environment.

Keywords: school inclusion; pedagogical practices; early childhood education; teacher role; peer relationship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - A Noite Estrelada de Van Gogh	29
Imagem 2 – Girassóis de Van Gogh	30
Imagem 3 - Pesquisa sobre o artista	31
Imagem 4 - Reprodução da obra que mais gostaram através de desenho	31
Imagem 5 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (A)	32
Imagem 6 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (B).....	33
Imagem 7 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (C).....	33
Imagem 8 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (D).....	34
Imagem 9 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (E).....	34
Imagem 10 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (F).....	35
Imagem 11 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (G).....	35
Imagem 12 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (H).....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS	7
2.1 CONCEITO E DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS ...	8
2.2 O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA INCLUSÃO (o aluno é da escola e não apenas de um professor)	12
2.3. O TRABALHO DE INCLUSÃO SE FAZ NO LAÇO ENTRE PROFESSOR E ALUNO	16
2.4. O CONVÍVIO COM OUTRAS CRIANÇAS (FUNÇÃO DO SEMELHANTE).....	19
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO DE CRIANÇAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 5-6 ANOS	20
4 PROJETO VAN GOGH: PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES	24
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA E CENÁRIO DA PESQUISA.....	24
4.2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES	28
4.3 PROCESSO DE APLICAÇÃO E ADAPTAÇÕES.....	36
5 OLHAR PARA A EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO VAN GOGH	39
5.1 IMPACTOS DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS.....	40
5.2 REFLEXÕES SOBRE A DINÂMICA DA SALA DE AULA.....	44
5.3 CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS ENCONTRADOS.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICA A – PLANO DO PROJETO	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a função do professor e a influência das relações entre pares no processo de inclusão escolar, a partir do desenvolvimento e implementação de uma prática pedagógica inclusiva em uma turma de 2º período da educação infantil. Além disso, busca refletir sobre a importância das práticas pedagógicas inclusivas e seu papel no contexto educacional; definir as práticas pedagógicas inclusivas, enfatizando o papel do professor, o laço com o aluno e a função do semelhante; compreender o desenvolvimento pedagógico referente à etapa de 5-6 anos e refletir sobre os impactos das práticas inclusivas na dinâmica da sala de aula, considerando as contribuições e os desafios vivenciados durante a experiência pedagógica.

Embora a turma não contasse com alunos diagnosticados formalmente, havia dois em processo de investigação, cujas características exigiam práticas pedagógicas mais direcionadas. Diante da minha prática, fui interpelada a considerar as diversidades presentes na sala. Percebi, assim, a necessidade de atender às especificidades de cada aluno para que a inclusão ocorresse de forma significativa. Além disso, ao observar as dinâmicas estabelecidas e buscar estratégias que colaborassem com o processo de ensino-aprendizagem, identifiquei o papel fundamental que os pares podem desempenhar no desenvolvimento de alguns colegas.

A proposta enfatiza que a inclusão não deve ser limitada a alunos com deficiência, mas sim abarcar todos os estudantes, promovendo um ambiente de aprendizado equitativo e acolhedor. Nesse sentido, destaca-se o papel dos pares tutores no processo inclusivo, reforçando que a interação entre os alunos, independentemente de suas condições, é essencial para o desenvolvimento do aprendizado, da socialização e da convivência em sala de aula.

O estudo também explora os diferentes modos de vivência no ambiente escolar e a riqueza da diversidade presente nesse espaço. Para embasar a análise, foram utilizados referenciais teóricos relevantes e realizada uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem interventiva e observacional, com o registro das interações e resultados durante as atividades, buscando aprofundar a compreensão sobre práticas inclusivas e seus impactos no processo educacional.

Inicialmente, foi necessário conhecer as características da turma e a dinâmica em sala de aula. Essa etapa envolveu a investigação de teorias relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas, com o entendimento de que a sala de aula é um espaço de diversidade, repleto de conflitos e tensões, cuja dinâmica está diretamente relacionada ao desenvolvimento integral dos alunos.

É importante lembrar que práticas inclusivas não se destinam apenas a alunos com deficiência, mas a qualquer criança que necessite de uma abordagem diferenciada para alcançar seu pleno desenvolvimento. Assim, as práticas pedagógicas inclusivas representam um meio essencial para garantir a participação de todos os estudantes, independentemente de suas particularidades. Este estudo discute questões relacionadas à convivência e ao desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, com ênfase no aspecto social, destacando o papel dessas práticas como ferramentas fundamentais para promover a inclusão e assegurar uma aprendizagem justa e significativa para todos.

A relevância do estudo reside em sua contribuição para a promoção da equidade no ambiente escolar, assegurando que todos os alunos tenham acesso a oportunidades iguais de aprendizado e desenvolvimento. A prática pedagógica inclusiva, ao contemplar a diversidade, enriquece a experiência de aprendizagem e prepara os estudantes para serem cidadãos mais conscientes e respeitosos em uma sociedade plural. Assim, o trabalho narrará o processo de planejamento das atividades propostas, destacando os objetivos, os recursos e as estratégias utilizadas para garantir a inclusão e a participação de todos os alunos.

O trabalho está organizado em cinco partes principais. Na primeira, realiza-se uma contextualização sobre o objeto de estudo, apresentando o conceito de práticas pedagógicas inclusivas, com foco na definição e nos princípios que orientam a criação de atividades que atendam às necessidades de todos os estudantes.

Na segunda parte, são feitas considerações sobre o desenvolvimento pedagógico de crianças com faixa etária entre 5 e 6 anos, explorando características específicas dessa etapa do desenvolvimento infantil e suas implicações para a prática educacional.

A terceira parte aborda o planejamento e a implementação do projeto "Van Gogh", detalhando o processo de criação, organização e aplicação das atividades em sala de aula. Esta seção apresenta um relato das adaptações realizadas ao longo do

processo, os desafios enfrentados, como as dificuldades de atender às diversas necessidades dos alunos, e as estratégias adotadas para superá-los.

Na quarta parte, realiza-se uma análise dos resultados alcançados com a aplicação das práticas pedagógicas inclusivas, considerando os impactos observados no aprendizado, no comportamento e na interação social da turma. Também discute como as atividades influenciaram a dinâmica geral da sala de aula, destacando os aspectos bem-sucedidos e aqueles que podem ser aprimorados.

Em conclusão, a quinta parte é dedicada às considerações finais, apresentando reflexões sobre os aprendizados adquiridos ao longo do processo e ressaltando as contribuições da pesquisa para o aprimoramento das práticas pedagógicas inclusivas.

Este trabalho, portanto, busca colaborar para o fortalecimento de uma educação mais inclusiva, acessível e significativa, que respeite a diversidade e potencialize o desenvolvimento de todos os alunos. Propõe-se refletir sobre as seguintes perguntas: Como as práticas pedagógicas podem ser elaboradas para promover uma educação inclusiva e quais são os referenciais teóricos que sustentam essas práticas? Como a atuação do professor e as relações entre colegas influenciam o processo de inclusão escolar em uma turma de 2º período da educação infantil, a partir da elaboração de uma prática pedagógica inclusiva? Por fim, destaca-se a relevância de um olhar atento por parte do professor, capaz de identificar e atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo um ambiente educativo acolhedor e equitativo.

2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS

A educação inclusiva tem como objetivo garantir a participação de todos os alunos, independentemente de suas especificidades. É importante destacar que a inclusão não se restringe apenas às pessoas com deficiência, mas abrange todos os estudantes no ambiente escolar. Com essa perspectiva, as práticas pedagógicas devem ser planejadas de maneira intencional, considerando as necessidades individuais dos alunos. O papel do professor é fundamental ao adotar um olhar atento e direcionado, promovendo atividades que contribuam efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem de forma equitativa e acolhedora.

Este capítulo apresenta uma fundamentação teórica que serve como base para a implementação de uma prática pedagógica em uma turma do 2º período da educação infantil, em uma escola localizada na zona rural do município de Itabirito (MG). Embora não aborde diretamente a aplicação prática, este capítulo é essencial para contextualizar e justificar as estratégias que foram planejadas, com foco na observação em sala de aula e na compreensão das individualidades dos alunos. O conteúdo evidencia a importância do papel do professor nesse processo, destacando como um olhar atento é essencial para o sucesso das metodologias aplicadas. Além de promover o desenvolvimento da aprendizagem, essas práticas também fortalecem o aspecto social e emocional dos alunos, garantindo a inclusão de todos no ambiente escolar.

Ao longo desta discussão, serão apresentados conceitos e práticas que destacam a relevância de uma didática humanizada e centrada no aluno. Compreender e aplicar essas estratégias torna o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo, ao mesmo tempo em que aborda de forma abrangente o desenvolvimento social e emocional dos estudantes. Esse enfoque promove um ambiente de respeito mútuo, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis. Assim, este capítulo tem como objetivo compartilhar experiências e reflexões que possam inspirar práticas pedagógicas mais inclusivas e significativas.

2.1 CONCEITO E DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

O ambiente escolar é um espaço de troca de experiências, aprendizado e encontros significativos. É um lugar de desconstrução e reconstrução, onde o conhecimento é construído coletivamente e onde há espaço para reflexão e desenvolvimento.

Nesse contexto, os alunos crescem não apenas academicamente, mas também social e psicologicamente, por meio de múltiplas interações, desafios e novidades que enriquecem sua formação e promovem seu amadurecimento. Dessa forma, “seja para crianças ou para os jovens, estar na escola e desenvolver diferentes repertórios e aprendizagens é uma via de acesso a um novo mundo. A um mundo diferente do da família” (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 219).

Ao refletir sobre o ambiente escolar, é essencial considerar toda a sua estrutura, incluindo os aspectos físicos, sociais e pedagógicos. As práticas pedagógicas inclusivas são parte integrante desse contexto e desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, garantindo que ele seja efetivo, inclusivo e significativo.

Dessa forma, “quando se fala em prática pedagógica, refere-se a algo além da prática didática, envolvendo: as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho docente, as parcerias e expectativas do docente” (Franco, 2016, p. 542). Essa concepção ampliada de prática pedagógica inclusiva permite compreender que, para promover uma educação verdadeiramente inclusiva, é preciso considerar não apenas os métodos de ensino, mas todo o contexto escolar e as decisões que orientam a atuação docente.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas inclusivas são aquelas que reconhecem e valorizam as especificidades dos alunos e suas diferenças, promovendo um ambiente escolar equitativo, no qual todos possam participar e aprender. Considerando a sala de aula como um espaço naturalmente diverso, torna-se necessário que o ensino seja flexível e adaptado às necessidades de cada estudante. Ao adotar essas práticas, o professor busca criar estratégias que favoreçam o envolvimento de todos, respeitando os diferentes ritmos e formas de aprender.

As práticas pedagógicas inclusivas englobam os métodos e estratégias utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Elas vão além da simples transmissão de conteúdos, envolvendo também a forma como o conhecimento é apresentado, desenvolvido e planejado, com o objetivo de atender às especificidades e necessidades de todos os alunos de maneira inclusiva e eficaz.

Para além de elaborar um plano de aula, é essencial compreender o perfil da turma e as características individuais dos alunos. A prática pedagógica inclusiva deve ser planejada de maneira a atender às demandas específicas desse grupo, garantindo que o ensino seja significativo. É no encontro com o outro que o professor identifica as necessidades da turma e de cada aluno, permitindo a construção de um planejamento que responda a essas particularidades de forma eficaz e sensível.

Esse encontro e o olhar atento do professor para a turma são processos complexos, repletos de desafios a serem enfrentados. Em algumas situações, as especificidades de determinados alunos se destacam de forma mais evidente,

exigindo que a prática pedagógica inclusiva seja cuidadosamente planejada e ajustada. Nesses casos, torna-se necessário adotar abordagens diferenciadas, saindo do habitual, para garantir que todos os alunos sejam atendidos de maneira equitativa e inclusiva.

Pequenas rearticulações das práticas educativas fazem diferença. Analisar mais atentamente as demandas, os planejamentos, os tempos escolares e propor flexibilizações de acordo com as singularidades dos alunos é, de fato, cuidar das singularidades (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 223).

Refletir sobre as práticas pedagógicas é um momento de descoberta e construção. É por meio da troca de experiências e do diálogo que o professor consegue desenvolver estratégias capazes de incluir o aluno nas atividades e promover efetivamente o processo de aprendizagem. “Descobrir como se relacionar no ambiente escolar e com as novidades que nele se apresentam é, sem dúvida, uma aprendizagem por excelência” (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 219).

Vários elementos podem influenciar as práticas pedagógicas inclusivas, como o perfil dos alunos, o contexto escolar e o currículo, entre outros. Nesse sentido, é importante considerar a presença de alunos que necessitam de atenção diferenciada em relação aos demais da turma. Vale ressaltar que essas necessidades não se referem apenas a alunos com deficiência, mas a qualquer aluno cujas especificidades demandem uma abordagem mais personalizada. O planejamento pedagógico deve, portanto, ser adaptado para atender a essas necessidades, garantindo a inclusão de todos. De acordo com Bulbarelli, Cordaro e Gayotto (2020, p. 220), “conviver e trabalhar com as singularidades na escola implicam o abandono das perspectivas normofuncionais, passando à construção de um processo integrativo mais amplo que envolve todas as crianças/jovens e seus professores”.

Assim, as práticas em sala de aula exigem que o professor utilize estratégias adequadas e, quando necessário, modifique ou construa novos planejamentos para atender a essas demandas de maneira eficaz.

Ao realizar adaptações no planejamento, nas práticas e no currículo, é fundamental lembrar que cada pessoa aprende de maneira única. Essa diversidade de formas de aprender deve ser cuidadosamente considerada ao elaborar o plano de aula, a fim de garantir que todos os alunos sejam atendidos de forma eficaz. Bulbarelli, Cordaro e Gayotto (2020) nos oferecem pistas sobre isso:

Quando temos como princípio que o acesso ao conhecimento não acontece da mesma forma para todas as crianças e jovens, o currículo ganha uma dimensão ainda mais interessante: deve conter aberturas (parte vazia do currículo) para construir significados e sentidos ao que se desvia do planejado (parte cheia do currículo) (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 218).

Portanto, ao planejar as práticas pedagógicas inclusivas, é fundamental considerar as características da turma, as especificidades dos alunos e a importância do encontro entre o professor e o aluno. Esse momento de interação cria o vínculo necessário para que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivo e significativo. Considerando a diversidade, o professor pode desenvolver estratégias que promovam a criação de um ambiente mais acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos se sintam respeitados e motivados a participar ativamente do processo de aprendizagem.

As práticas pedagógicas inclusivas têm como objetivo garantir a participação e o aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas particularidades. Elas são essenciais para que as estratégias em sala de aula sejam desenvolvidas de maneira mais eficaz, atendendo às necessidades de forma equitativa. No entanto, sua implementação enfrenta diversos desafios, como a falta de formação específica para os docentes, a resistência de alguns membros da comunidade escolar, incluindo professores, supervisores e gestores, e a necessidade de flexibilizar o currículo, que nem sempre é viável.

Além disso, os obstáculos presentes em sala de aula, como turmas numerosas e a ausência de colaboração entre os diferentes agentes educativos, dificultam ainda mais esse processo. Portanto, é imprescindível promover uma articulação entre formação, recursos e diálogo para que a inclusão seja efetivamente consolidada. Dessa forma, “o sucesso da inclusão depende da adaptação da escola à criança e não apenas da adaptação da criança à escola” (Kupfer *et al.*, 2017, p. 19).

Outro fator relevante é a carência de materiais pedagógicos adequados e de profissionais capacitados para atuarem em conjunto com o professor regente. Em muitas escolas, a ausência de recursos adaptados limita significativamente a eficácia das práticas pedagógicas inclusivas. Não raramente, o professor acaba arcando do próprio bolso com os custos para produzir materiais que atendam às necessidades dos alunos. Além disso, uma sala de aula composta por alunos tão heterogêneos exige do docente um nível elevado de planejamento, criatividade e dedicação, o que pode ser exaustivo diante das condições existentes. Esses desafios influenciam

diretamente na implementação da inclusão, tornando o processo complexo e desafiador para todos os envolvidos.

Sobre os desafios, impasses e angústia docente frente a esse contexto, Arbex, Moura e Vettorazzo (2020) afirmam:

a angustia gerada na instituição ao incumbir-se do acolhimento e ensino de alunos que enfrentam barreiras no pertencimento ao espaço escolar. Muito já se discutiu sobre isso, e parece bastante óbvio que cada aluno que desafia a estrutura da instituição acaba gerando tensões, necessidades de mudança e expansão das estratégias educacionais. A mistura desses desafios é o principal tempero dessa angústia, pois, postas essas situações, os profissionais outrora confortáveis em suas práticas são quase que inevitavelmente mergulhados em uma sensação de desconhecimento e insegurança (Arbex, Moura e Vettorazzo, 2020, p.308).

Com base nas discussões apresentadas, este capítulo apoia-se nos princípios elaborados por Kupfer e colaboradores, que se sustentam em três pilares essenciais: o reconhecimento de que o aluno é parte integrante da escola, o fortalecimento do vínculo entre professor e aluno e a valorização das relações entre os pares. Esses princípios serão detalhados a seguir, proporcionando a fundamentação teórica necessária para embasar a implementação da prática pedagógica proposta.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA INCLUSÃO (o aluno é da escola e não apenas de um professor)

O papel do professor e da escola é fundamental para assegurar a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas particularidades. É indispensável garantir que os direitos de cada aluno sejam respeitados, promovendo a equidade no ambiente escolar. Vale destacar que inclusão vai além da presença física; trata-se de acolher, valorizar as diferenças e criar condições para que todos possam aprender, participar e se desenvolver plenamente.

Diversos sujeitos estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, e a responsabilidade pela inclusão não deve recair sobre apenas um único indivíduo. Trata-se de um esforço mútuo e colaborativo, que requer a articulação de todos os envolvidos: educadores, escola, comunidade, profissionais de outras áreas, como psicólogos, além da própria gestão escolar. Todos devem atuar de forma integrada para garantir que a inclusão aconteça de maneira efetiva.

Desta forma, “a escola é espaço público – lugar de todos – implica o envolvimento de toda comunidade escolar no acolhimento das crianças – sejam os casos ditos de inclusão ou não” (Pinto, 2017, p. 112).

Nessa perspectiva, frequentemente cometemos o equívoco de atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade pelo aluno. Contudo, segundo Fernanda de Sousa e Castro Noya Pinto (2017), os alunos são da escola e não do professor. Toda a instituição escolar deve estar envolvida no processo de escolarização. É equivocado depositar toda essa responsabilidade apenas sobre o professor. O papel do professor é, sem dúvida, essencial na inclusão, mas deve ser desempenhado em colaboração com todos os agentes educacionais, de forma conjunta e integrada.

É importante ressaltar que a inclusão não deve se limitar apenas aos alunos com deficiência, mas abranger todos os indivíduos, considerando suas particularidades, dificuldades e desafios, promovendo um espaço de aprendizado verdadeiramente equitativo. Sendo assim, para garantir um ensino equitativo, é essencial adotar boas práticas pedagógicas. Isso implica reconhecer as especificidades de cada aluno, permitindo que as estratégias sejam cuidadosamente planejadas e direcionadas para atender às suas demandas e necessidades individuais. Dessa forma, o processo de aprendizagem torna-se mais inclusivo e eficaz, promovendo o desenvolvimento pleno de todos os estudantes.

Ao refletir sobre o espaço educacional e a participação de todos os agentes, é fundamental reconhecer que, além do trabalho pedagógico, é necessária uma sensibilidade para compreender e valorizar o encontro com o aluno. Esse olhar atento é essencial para criar uma conexão significativa e promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acolhedor.

Bem como “dentro da escola não há exceção, há escolarização”, e todos que ali estão, são educadores. Sendo assim, se responsabilizam pela participação dos alunos nas propostas comuns a todos, pelo respeito às rotinas, à circulação na escola, à socialização etc. Os espaços institucionais são extremamente importantes e podem ser ferramentas de trabalho. A inclusão não se faz por decreto, mas pelo laço (Pinto, 2017, p. 113).

Partindo desse princípio abordado por Pinto (2017), assegurar que todos os membros da comunidade escolar se envolvam e colaborem de forma integrada contribui significativamente para que os alunos se sintam mais acolhidos e engajados.

Como ela ressalta, “a inclusão se faz através do laço”, destacando que é por meio de relações genuínas e do trabalho conjunto que se constrói um ambiente verdadeiramente inclusivo e promotor de aprendizagem.

Além de refletir sobre o papel do professor e sua dinâmica em sala de aula, é essencial considerar o papel da escola nesse processo. Embora as funções sejam distintas, elas são interdependentes. A escola precisa estar disposta a flexibilizar suas ações, procedimentos, planejamento e organização, criando um ambiente que favoreça a inclusão.

Deve também proporcionar ao professor a liberdade e a autonomia necessárias para que ele possa trabalhar de forma eficaz, adaptando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades de todos os alunos. Segundo Pinto (2017), acredita-se que a escola pode aprender a fazer uma flexibilização, para criar espaços, atividades e momentos que inicialmente seria pensado para os alunos de inclusão, mas que pode fazer com que todos sejam incluídos.

A escola deve ser um espaço de ensino-aprendizagem, socialização e encontro, preparada para acolher a todos que dela necessitem. Reconhece-se que os desafios são consideráveis e que implementar a inclusão de maneira efetiva é uma tarefa complexa. Contudo, é fundamental adaptar as práticas às necessidades de cada indivíduo, garantindo que todos sejam atendidos de forma plena. Como afirma Pinto (2017, p. 117):

É preciso que a escola seja um lugar onde caibam diferentes necessidades e peculiaridades, um ambiente coletivo e de convívio entre vários e diversos. A palavra a ser usada então é equidade. Isto é o que uma criança faz pela outra na escola.

Mais do que criar um ambiente inclusivo, é fundamental que ações e atitudes estejam alinhadas a essa perspectiva. O professor desempenha um papel crucial ao buscar desenvolver práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades de todos os alunos.

A relação entre aluno e professor deve ser um verdadeiro encontro. O professor precisa estar atento às necessidades de cada aluno, a fim de identificar a melhor forma de agir para atender a cada um de maneira eficaz. Considerando que em uma sala de aula há diversos sujeitos, cada um com suas particularidades e desafios, é complexo elaborar propostas que atendam individualmente a todos. Portanto, é importante

buscar estratégias que, de alguma forma, contemplem a maioria, garantindo que todos tenham a oportunidade de se desenvolver de acordo com suas necessidades.

Porém, essa busca pode representar um desafio para o professor. Como colocado por Arbex, Moura e Vettorazzo (2020, p. 303).

Cada vez mais, o desafio do professor tem sido trabalhar em grupos com dinâmicas individuais bem diversas. Cada aluno com suas facilidades e dificuldades demanda um olhar do professor na busca da maneira mais assertiva de envolver e facilitar a aprendizagem de cada um dos estudantes.

A inclusão é um esforço coletivo que envolve todos os sujeitos, indo além do ensino-aprendizagem. Através do encontro, da socialização, do afeto e do olhar atento, é possível fazer com que o aluno se sinta pertencente ao ambiente escolar, criando um espaço onde ele se sinta verdadeiramente incluído e valorizado.

O afeto é fundamental nesse processo, pois é por meio dele que se pode conquistar a confiança do aluno e fazê-lo sentir-se verdadeiramente acolhido. Os laços que construímos uns com os outros desempenham um papel crucial na criação de um ambiente de aprendizado acolhedor e significativo, promovendo conexões que enriquecem tanto o desenvolvimento individual quanto o coletivo.

A relevância do afeto na construção de um ambiente de aprendizado significativo é evidenciada por Bulbarelli, Cordaro e Gayotto (2020), ao ressaltarem a importância do laço social e das experiências de pertencimento.

(...) as experiências identificatórias de pertencimento e de similaridade, a aceitação da presença e o prazer compartilhado podem ser entendidos como efeitos terapêuticos do encontro com o(s) outro(s) e do estabelecimento do laço social (...) (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 227).

A inclusão vai além de um dever legal; ela enriquece a experiência escolar, promovendo a convivência com diferentes formas de ser e ensinando a respeitar as diferenças, a conviver com o outro e a desenvolver empatia. Cabe à escola, ao professor e aos demais agentes educacionais proporcionar essa experiência, garantindo que seja satisfatória e significativa para todos.

A inclusão ocorre quando há um trabalho colaborativo entre a escola e o professor. Um exemplo disso é apresentado no caso de Apuana, descrito por Arbex, Moura e Vettorazzo (2020). Elas descrevem o contexto da sala de aula, destacando as características e os desafios enfrentados nesse ambiente, como é possível

identificar no trecho a seguir: “Encontrei um grupo agitado, conservador e heterogêneo do qual também fazia parte Apuana, com seus mistérios, limites e dificuldades. Diante desse quadro, como fazer um trabalho satisfatório? Como facilitar a aprendizagem de todos e de cada um?” (Arbex; Moura; Vettorazzo, 2020, p. 303).

À medida que o professor conhece melhor sua turma e identifica as especificidades de cada aluno, os questionamentos vão sendo esclarecidos, e as angústias começam a diminuir. Embora esse não seja um processo fácil ou rápido, trata-se de um caminho essencial a ser percorrido para promover a inclusão dos alunos e garantir que todos aprendam.

Conforme afirmam Arbex, Moura e Vettorazzo (2020), reconhecer o aluno “real” e sua forma única de aprender é um passo essencial para construir um ensino inclusivo.

o aluno “ideal” e o aluno “real” são muito diferentes, e é reconhecendo o aluno “real” que podemos supor nele um sujeito de saber, que aprende à sua maneira, e a partir daí vamos nos guiando pelos caminhos que ele nos aponta e pelos nossos próprios saberes, conscientes ou não (Arbex; Moura; Vettorazzo, 2020, p. 301).

Portanto, reconhecer as especificidades de cada aluno é um processo essencial para alcançá-los de forma eficaz. Embora os desafios sejam muitos, o professor deve estar atento às necessidades individuais de cada estudante, a fim de realizar sua prática pedagógica por meio de estratégias específicas. Essas abordagens devem atender a quem precisa de apoio, mas também envolver todos os alunos de maneira significativa nas atividades.

2.3. O TRABALHO DE INCLUSÃO SE FAZ NO LAÇO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

A inclusão se efetiva no vínculo estabelecido entre aluno e professor, com a escola desempenhando um papel fundamental nesse processo. São esses laços afetivos que favorecem uma aprendizagem mais fluida e significativa. O professor, ao estar atento às necessidades dos alunos e focado em suas individualidades, planeja e desenvolve propostas pedagógicas que atendem às dificuldades específicas de cada um. Esse vínculo é construído ao longo do tempo, com dedicação, parceria, respeito, empatia e paciência. Portanto, “a aposta do educador na criança, a aposta

de que a aprendizagem seja possível, é condição para que o laço social se estabeleça” (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 220).

É necessário olhar para o aluno além da teoria; o encontro entre ambos é essencial para a construção desses laços e para tornar a aprendizagem realmente significativa. Através das experiências vivenciadas e da interação entre aluno e professor, é possível transformar a sala de aula em um ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento de todos. “Devemos enxergar o aluno que se encontra diante de nós e com ele interagir a partir de nossa experiência, de nossos estudos, mas principalmente a partir do que ele nos traz, de seus interesses e habilidades” (Arbex; Moura; Vettorazzo, 2020, p.303).

Um ponto de partida fundamental para realizar práticas pedagógicas inclusivas são os interesses dos alunos. É crucial que haja uma troca, onde o professor possa questionar os alunos sobre suas preferências e como gostariam que as atividades fossem conduzidas. Além da percepção do professor em relação à turma e às individualidades de cada aluno, essa troca é essencial para que os estudantes se sintam pertencentes, pois suas opiniões são ouvidas e respeitadas. Sendo assim, “o educador responsável pela ancoragem da criança pode abrir novas possibilidades de laços e de prazeres compartilhados” (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 2). Portanto, esse aspecto docente é imprescindível para a gestão e abordagem dessa questão em sala de aula.

Reforçar a importância do vínculo entre professor e aluno é fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica eficaz. É por meio dessa relação de respeito mútuo que se estabelece a confiança de que o professor está presente para apoiar o aluno, e não para se colocar em uma posição de superioridade. Em consonância com o que é abordado por Fernanda de Sousa e Castro Noya Pinto (2017), a importância do vínculo entre professor e aluno se reflete na seguinte citação:

Estamos falando sobre um educador disponível a inspirar relação com o conhecimento, e não um educador que, do alto de seu saber inquestionável, não pode enxergar o aluno. Falamos do educador que pode reconhecer o que, entre os objetos do arsenal escolar, pode enlaçar o aluno no universo pedagógico e de aprendizagem (Pinto, 2017, p.116).

Quando o professor conquista o respeito e a admiração do aluno, ele estabelece uma relação de confiança que permite ao aluno se abrir e compartilhar suas experiências e até mesmo suas expectativas sobre as aulas. Muitas vezes, é o olhar e a percepção do professor que irão orientar a criação de estratégias; outras

vezes, por meio dessa troca mais estreita e do diálogo, o próprio aluno pode indicar suas necessidades. Essa conexão cria um ambiente onde o aluno se sente seguro para expressar suas demandas e contribuir ativamente no processo de aprendizagem. Em suma, “podemos dizer que qualquer aquisição significativa na escola se faz especialmente no laço professor-aluno”. (Pinto, 2017, p. 115).

Em alguns momentos, é necessário flexibilizar o planejamento e propor atividades não convencionais. Muitas vezes, a escola não permite que o professor tenha essa autonomia em suas aulas. O sistema pode, em certos momentos, limitar o trabalho do professor, especialmente aquele que busca, reinventa, cria, está atento às especificidades de seus alunos e deseja fazer de sua prática uma experiência significativa para seus estudantes. É fundamental que a escola, enquanto gestora, esteja atenta a essas questões e permita que o educador tenha a liberdade de criar novas estratégias para transmitir o conteúdo, pois existem diversas maneiras de ensinar.

No que tange essa questão, “hoje percebemos que a inclusão traz à tona a necessidade de reescrita da instituição escolar. Alguns a chamam de falência, outros de decadência, nós estamos tomando a questão como a necessidade de uma reescrita – novos princípios, novas práticas” (Pinto, 2017, p.117). Essas reescritas citadas por Pinto são fundamentais para a transformação da inclusão escolar. Embora alguns vejam essa reescrita como um retrocesso, ela representa, na verdade, um caminho para criar algo novo, mais justo e adaptado às necessidades de todos os alunos, promovendo a verdadeira inclusão no ambiente escolar.

Os desafios são inúmeros, assim como as conquistas que precisam ser alcançadas. O professor não é apenas o profissional que educa, mas também aquele que interage diretamente com o emocional e o social da criança, muitas vezes se tornando sua principal figura de exemplo. É fundamental que o olhar do professor seja direcionado a todos os alunos, de forma inclusiva, para que o trabalho pedagógico possa ser realizado de maneira mais leve e significativa.

Embora a sala de aula seja marcada por uma diversidade rica e por conflitos que fazem parte do cotidiano, esses obstáculos não podem superar a vontade e o compromisso de fazer uma educação inclusiva. Com dedicação, empatia e uma abordagem centrada no aluno, o professor desempenha um papel transformador, promovendo uma educação que vai além do conteúdo e impacta profundamente a formação integral das crianças.

2.4. O CONVÍVIO COM OUTRAS CRIANÇAS (FUNÇÃO DO SEMELHANTE)

A inclusão escolar envolve diretamente o professor e a escola, sendo ambos fundamentais nesse processo. No entanto, o convívio com outras crianças também desempenha um papel crucial na construção social e emocional dos alunos, ao proporcionar vivências marcadas por trocas de experiências, colaboração, empatia e aprendizado conjunto. Essa interação estimula o desenvolvimento de habilidades interpessoais, fortalece os laços de convivência e enriquece o processo educativo, tornando-o mais significativo e inclusivo.

A relação entre as crianças é essencial para o desenvolvimento integral, promovendo um crescimento coletivo e enriquecedor. Por meio dessas interações, ocorrem trocas valiosas de histórias, experiências e vivências, que contribuem para a construção de laços afetivos e sociais duradouros.

Esse processo torna o ambiente escolar mais acolhedor, inclusivo e propício ao aprendizado, fortalecendo o senso de pertencimento e colaboração entre os alunos. Dessa forma, pode-se dizer que “o tempo da infância é privilegiado, pois permite olhares singulares, entre pares, assim como recortes fraternos sobre as situações” (Pinto, 2017, p. 112).

É fundamental que o professor observe em sala de aula as dinâmicas entre os alunos, identificando quais se relacionam bem e quais podem atuar como suporte para aqueles que apresentam maiores dificuldades. Esse trabalho em pares é uma estratégia valiosa, pois promove a cooperação e o aprendizado mútuo, além de reforçar os laços de empatia e respeito. Ao permitir que os alunos aprendam uns com os outros, o professor cria oportunidades tanto para a construção de conhecimentos quanto para o fortalecimento da inclusão no ambiente escolar. Portanto,

a interação de alunos e de professor com alunos – suscita (re)organizar os tempos e os espaços para promover a aprendizagem em pares. Para isso, cabe organizar a sala e dispor os estudantes em várias formas de agrupamentos, tendo em vista a criação de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP (Lustosa; Melo, 2018, p. 116).

Além de proporcionar um aprendizado significativo, a relação entre os pares pode contribuir para o desenvolvimento de ambos: tanto do aluno que apresenta dificuldades quanto daquele que oferece apoio. Ao ensinar e ajudar o colega, a criança

não apenas reforça seus próprios conhecimentos, mas também desenvolve habilidades socioemocionais, como empatia, paciência e responsabilidade. Esse processo de colaboração enriquece a aprendizagem de forma mútua, fortalecendo os vínculos e promovendo um ambiente mais inclusivo e cooperativo. Dessa forma,

o trabalho docente deve prever maneiras diversas de fortalecer as interações entre professor-aluno e dos alunos entre si. As atividades cooperativas colaboram para essa meta-fim. Assim, é importante planejar e preparar recursos, materiais e estratégias de mediação; oferecer opções de materiais diferenciados para a realização de uma mesma atividade; ouvir das crianças como elas acham que melhor aprende, etc. (Lustosa; Melo, 2018, p. 111).

Portanto, como aponta Kupferet *al.* (2017), educar é tratar, mas não no sentido clínico. Esse "tratar" refere-se a um olhar atento e sensível do professor, ao laço que se estabelece entre ele e o aluno, à percepção da necessidade de promover relações entre pares e à elaboração de estratégias eficazes. Trata-se de uma prática pedagógica planejada que considera a individualidade de cada estudante, buscando não apenas atender às suas necessidades específicas, mas também alcançar o desenvolvimento integral de toda a turma, em um processo inclusivo e colaborativo.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO DE CRIANÇAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 5-6 ANOS

Nesta parte, será abordada a fase de desenvolvimento das crianças com faixa etária entre 5 e 6 anos, matriculadas no 2º período da Educação Infantil. Como o próprio nome dessa etapa de ensino sugere, trata-se de um período essencialmente lúdico, em que o aprendizado é mediado principalmente por jogos e brincadeiras, possibilitando às crianças um processo de aprendizagem significativo e prazeroso.

O desenvolvimento pedagógico das crianças de 5 a 6 anos, no 2º período da educação infantil, segue os princípios estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC propõe a organização das práticas pedagógicas a partir de campos de experiências, espaços de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento integral das crianças. Esses campos de experiências são definidos como ambientes nos quais as crianças podem explorar, aprender e interagir, respeitando suas necessidades, ritmos e potencialidades individuais. Segundo a BNCC,

na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver (Brasil, 2018, p. 25).

Ou seja, a Educação Infantil deve garantir que as crianças, desde a primeira etapa da Educação Básica, tenham acesso aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento que assegurem sua progressão. Dentro desse contexto, os eixos estruturantes da Educação Infantil — as interações e a brincadeira — são fundamentais. Eles são essenciais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, pois proporcionam um ambiente rico para o desenvolvimento das competências das crianças.

De acordo com a BNCC, deve-se assegurar seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para que as crianças possam aprender e se desenvolver de forma plena. Esses direitos contemplam a importância das interações sociais e da brincadeira como elementos chave para o aprendizado. A brincadeira, por exemplo, é um espaço de expressão, de construção de conhecimento e de desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Já as interações, tanto com adultos quanto com outras crianças, são fundamentais para que as crianças compreendam o mundo ao seu redor e desenvolvam suas competências de comunicação e relacionamento.

Portanto, o currículo do 2º período da Educação Infantil, pautado pelos princípios da BNCC, propõe um ambiente de aprendizagem integrado e inclusivo, onde as crianças podem se desenvolver de forma integrada, explorando, interagindo e criando, sempre com base em suas próprias experiências e ritmos.

Por meio do lúdico, essas habilidades são desenvolvidas de maneira natural e significativa, promovendo o aprendizado e fortalecendo a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa e adequada à faixa etária.

O lúdico na pedagogia representa uma metodologia que potencializa a aprendizagem por meio da expressão e da comunicação, proporcionando um método mais prazeroso e envolvente. Ele desempenha um papel crucial no desenvolvimento físico, psicológico e emocional da criança, ao mesmo tempo em que facilita o processo de aprendizagem.

Os jogos e as brincadeiras são fundamentais não apenas para o aprendizado, mas também para a socialização da criança. Eles promovem a autonomia ao ensinar

o respeito e o cumprimento de regras, além de contribuírem significativamente para o desenvolvimento da comunicação, despertando o interesse e aguçando a curiosidade, características que tornam a criança mais engajada e participativa.

É essencial que o professor atue como mediador nesse processo, planejando cuidadosamente os jogos e brincadeiras para integrá-los ao conteúdo didático de forma intencional. Não se trata apenas de brincar por brincar, mas de pensar estrategicamente na melhor maneira de ensinar, garantindo que a aprendizagem ocorra de maneira lúdica e significativa.

A incorporação de jogos e brincadeiras na educação infantil é uma abordagem valiosa, pois essas atividades já fazem parte da rotina e da socialização das crianças. Ao aliar o lúdico ao ensino, cria-se um ambiente de aprendizado dinâmico e prazeroso, que respeita as necessidades e características dessa fase do desenvolvimento. Dessa forma,

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos (Kishimoto, 1996, p. 26).

A atividade lúdica, além de contribuir significativamente para a aprendizagem, também desempenha um papel essencial na socialização, aprimora a coordenação motora, e promove o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Ela estimula a atenção da criança, sua imaginação, curiosidade e interação social, criando um ambiente rico para o crescimento integral.

O lúdico, portanto, configura-se como uma metodologia que torna a aprendizagem mais prazerosa e efetiva. Como destaca Oliveira (2007, p. 159): "(...) abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos. (...) São os jogos, ainda, instrumentos para a aprendizagem de regras sociais".

Na infância, a criança está em uma fase crucial de descoberta, aprendendo sobre si mesma, sobre o outro e sobre o ambiente ao seu redor. É nesse período que experiências significativas e relações interpessoais tornam-se fundamentais para a construção do conhecimento.

A utilização de brincadeiras, jogos e atividades lúdicas permite que a criança explore sua criatividade, sonhe, e vivencie o aprendizado de forma leve e significativa. Essas experiências contribuem para o desenvolvimento da personalidade, da identidade e de uma postura mais determinada diante dos desafios, fortalecendo sua formação integral.

O brincar é intrínseco à criança, integrando naturalmente seu cotidiano em diferentes ambientes, como em casa, nas praças, na rua e, especialmente, na escola. Essa familiaridade com jogos e brincadeiras desperta o interesse da criança, facilitando o aprendizado. Dessa forma, “brincar, que é um ato imprescindível à saúde física, emocional e intelectual do indivíduo, sempre esteve presente em qualquer povo desde os mais remotos tempos.” (Santos, 2001, p.135)

Para que o brincar seja plenamente aproveitado no ambiente escolar, é essencial que o espaço físico seja adequado, proporcionando segurança, acolhimento e prazer. Um ambiente lúdico na escola favorece a integração da criança, garantindo que ela se sinta confortável e valorizada naquele espaço.

Dessa forma, é fundamental destacar a importância das brincadeiras e dos jogos não apenas no contexto acadêmico, mas também no cotidiano da criança. As atividades lúdicas desempenham um papel essencial na formação integral do indivíduo, contribuindo para seu desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo.

O brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para criança, constituindo-se em uma peça importantíssima a sua formação seu papel transcende o mero controle de habilidades. É muito mais abrangente. Sua importância é notável, já que, por meio dessas atividades, a criança constrói o seu próprio mundo (Santos, 1995, p.4).

Em suma, a infância é marcada pelas brincadeiras, sendo uma fase de intensas descobertas e aprendizagens que ocorrem por meio do contato com o outro e com o ambiente em que a criança está inserida. Essa troca e interação constituem o que chamamos de educação. O lúdico, nesse contexto, torna-se uma ferramenta essencial para engajar a criança em atividades significativas, aproveitando sua natureza espontânea para promover reflexões e aprendizagens sobre o mundo ao seu redor.

A educação e o cuidado na primeira infância devem ser tratados como prioridade, assegurando que a criança cresça, se desenvolva e construa conhecimentos de maneira crítica. Isso a prepara para enfrentar e superar os desafios

futuros, desenvolvendo habilidades para resolver problemas e lidar com as adversidades de forma autônoma e confiante.

4 PROJETO VAN GOGH: PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Neste ponto da reflexão, tomo a liberdade de alterar o foco da narrativa para relatar minhas próprias experiências na aplicação de práticas pedagógicas inclusivas na sala de aula do 2º período da educação infantil. Dessa forma, busco apresentar as características da turma, o planejamento e a implementação das atividades desenvolvidas, destacando seus impactos no processo de ensino-aprendizagem.

A experiência em sala de aula foi um marco que ultrapassou os limites da pesquisa teórica, abrindo novos horizontes de entendimento e consolidando aprendizados que somente a prática poderia proporcionar. Esse relato pretende construir um diálogo direto com as múltiplas perspectivas que permeiam este trabalho, enriquecendo a discussão proposta com elementos da realidade vivida.

Explorar essa vertente não exige apenas um aprofundamento conceitual, mas também a coragem de vivenciar e interpretar sensações e percepções que vão além das possibilidades da pesquisa bibliográfica. Aqui, meu objetivo é trazer essas experiências para iluminar caminhos e fomentar reflexões sobre a inclusão na educação infantil.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA E CENÁRIO DA PESQUISA

Neste tópico, compartilharei minhas primeiras impressões ao vivenciar a experiência de ser professora pela primeira vez e as minhas impressões do primeiro contato com uma turma do 2º período da educação infantil em uma escola da zona rural de Itabirito (MG), no início de 2024. A turma, composta por 12 alunos, com idades entre 5 e 6 anos, reflete uma diversidade de características e dinâmicas que trazem tanto desafios quanto ricas oportunidades de aprendizado e crescimento.

Situada na zona rural, em 2024, a escola oferecia Educação Infantil com três turmas: Maternal 3, 1º Período e 2º Período. No Ensino Fundamental I, atendia alunos do 1º ao 5º ano, totalizando aproximadamente 100 estudantes. Com um ambiente acolhedor e de porte relativamente pequeno, a escola conta com salas de aula com

menos alunos em comparação às escolas da cidade, o que favorecia uma abordagem mais personalizada ao ensino. O corpo docente era composto por 11 professores, incluindo regentes, eventual e especialistas, como professores de música e educação física, comprometidos com a formação integral dos alunos.

Reconhecendo a importância da inclusão no processo educacional, busquei fortalecer as práticas pedagógicas inclusivas. Para isso, entrei em contato com a supervisão e a direção, apresentando a proposta para integrar meu plano de ação ao planejamento escolar.

A pesquisa foi desenvolvida com a turma do 2º Período, composta por alunos respeitosos, mas com perfis diversos e bastante agitados, o que frequentemente gera um ambiente barulhento. A maioria dos alunos possui características únicas, incluindo alguns que ingressaram ao longo do ano letivo e enfrentam maiores dificuldades de aprendizado. Apesar desses desafios, esses estudantes foram acolhidos de forma calorosa pelos colegas.

A turma, em geral, se relaciona bem, mas muitos alunos demonstram irritação com o tom de voz elevado do Lucas¹ e com o comportamento do Pedro². Essas situações acabavam desestabilizando o ambiente, mantendo a turma desregulada durante grande parte do tempo. Momentos de tranquilidade eram raros e breves.

Logo ao chegar à escola, fui apresentada à equipe escolar, às instalações e informada sobre alguns alunos da minha futura turma. Entre eles, Pedro foi citado com destaque, sendo descrito como um aluno com comportamentos atípicos e agressivos. Ele estava no pátio, e, antes mesmo de conhecê-lo, já recebia relatos sobre suas atitudes. Essa introdução influenciou minhas primeiras impressões sobre ele.

Pedro é uma criança que apresentava comportamentos que destoavam dos demais alunos. Era agressivo, cuspiam, batia nos colegas, recusava-se a participar das atividades e, por vezes, rasgava as tarefas que lhe eram entregues. Além disso, demonstrava grande resistência em dividir materiais e brinquedos, isolando-se com frequência. No início, os colegas evitavam sua companhia, temendo as reações agressivas que ele poderia apresentar.

O restante da turma demonstrava boa interação entre si, com características individuais diversas e níveis de aprendizado diferentes, mas convivendo de maneira respeitosa e colaborativa. Diante desse contexto, percebi a necessidade de refletir

¹ Nome fictício.

² Nome fictício.

sobre estratégias que não apenas incluíssem Pedro, mas também promovessem sua aproximação com os colegas e o ajudassem a encontrar seu lugar no grupo.

Em minha busca por compreender Pedro, investiguei sua história e conversei bastante com sua avó, que sempre manteve um diálogo aberto comigo e com a escola. Essa comunicação foi essencial para alinhar as abordagens e planejar intervenções adequadas. Junto ao supervisor escolar, iniciamos um trabalho focado na aproximação de Pedro com a turma, enfatizando estratégias para evitar seu isolamento.

Uma das primeiras ações foi a presença de uma monitora na sala, que conhecia Pedro desde a infância. A monitora acompanhou a turma durante aproximadamente cinco dias, dedicando atenção especial ao Pedro, com quem tinha um vínculo familiar distante. Nossa relação era marcada pelo respeito e pela colaboração, discutindo estratégias para atender melhor às necessidades do aluno. Em uma dessas conversas, ela sugeriu o uso de um caderno de desenho como ferramenta para ajudar Pedro a se autorregular, o que demonstrou sua sensibilidade e comprometimento com o processo educativo. Ela o incentivou a desenhar, entregando-lhe um caderno especialmente para essa atividade. Pedro rapidamente demonstrou interesse pelos desenhos, e isso se tornou um recurso valioso: sempre que ele se sentia agitado ou desconcentrado, era direcionado ao caderno, o que o ajudava a se acalmar.

Madalena³, uma aluna empática e carismática, desempenhou um papel fundamental nesse processo. Ela o incentivava a participar das atividades, compartilhar objetos e evitar comportamentos agressivos. Sua presença como "ponte" entre Pedro e os outros colegas foi determinante para que ele começasse a se aproximar do grupo.

Madalena, ao contrário dos colegas, sempre demonstrou empatia e buscou se aproximar de Pedro, mesmo em situações desafiadoras. Quando ele ficava agitado, chorava, se jogava no chão ou cuspiava nos colegas, a reação geral da turma era se afastar, expressando desconforto e resistência em tê-lo por perto. Muitos diziam que não queriam ficar próximos de Pedro porque ele os agredia ou cuspiava. Contudo, Madalena se destacava por sua presença constante: ela esperava pacientemente até que ele se acalmasse e, então, fazia questão de estar ao seu lado, demonstrando uma postura acolhedora e solidária.

³ Nome fictício.

Com o tempo e com o apoio de Madalena, conseguimos ajudar Pedro a sair do isolamento. Antes, ele frequentemente se isolava, alegando que não tinha amigos. Madalena desempenhou um papel fundamental nesse processo. Sempre presente, ela se dedicava a aproximar Pedro da turma. De forma carinhosa e persistente, o convidava para participar das atividades, oferecia ajuda e, em algumas ocasiões, dizia que, se ele não colaborasse, ela não sentaria mais perto dele. Pedro, preocupado em perder sua proximidade com Madalena, logo aceitava as propostas, permitindo uma interação mais ativa com os colegas e fortalecendo os laços com o grupo.

Ao perceber a proximidade entre Madalena e Pedro, bem como a capacidade dela de ajudá-lo a se tranquilizar e realizar as atividades, passei a direcionar minhas práticas pedagógicas utilizando esse apoio como uma estratégia de par tutor. Essa abordagem beneficiava ambos: Pedro encontrava apoio e segurança para se engajar nas atividades, enquanto Madalena, ao ajudar Pedro, desenvolvia habilidades como empatia, paciência e cooperação, fortalecendo sua própria aprendizagem e confiança.

Ao longo do ano letivo, Pedro apresentou uma evolução significativa. Sua agressividade diminuiu consideravelmente, e ele passou a interagir mais com os colegas. Hoje, ele consegue lidar melhor com as situações, embora ainda enfrente desafios, como a dificuldade de concentração. Para ajudá-lo, adapto as atividades, segmentando-as em etapas mais curtas e acessíveis. Sempre que necessário, recorro ao recurso do desenho para que ele possa se recompor antes de retomar as tarefas.

Atualmente, Pedro está em acompanhamento no CAPS e foi encaminhado ao neuropediatra. Embora ainda não exista um laudo formal, o acompanhamento com o neuropediatra e as sessões de terapia têm desempenhado um papel significativo em sua evolução e desenvolvimento. A transformação em sua relação com os colegas é visível: muitos agora disputam para sentar-se ao seu lado, algo inimaginável no início do ano.

Ainda assim, a turma enfrenta outros desafios. Lucas, um aluno transferido neste ano (2024), passou a apresentar comportamentos desafiadores à medida que Pedro se integrava mais. Lucas é um menino muito inteligente e destacava-se na turma por possuir conhecimentos avançados em relação aos demais colegas. Ele demonstrava grande interesse em estudar números e o “ABCdário”, como ele mesmo dizia, mas não gostava de brincar ou interagir com os outros.

Ao concluir a educação infantil, Lucas estava no nível silábico-alfabético e reconhecia números além das metas estabelecidas para sua faixa etária. Contudo,

apresentava dificuldades em coordenação motora fina, o que me levou a priorizar atividades que ajudassem a desenvolver essa habilidade.

Para incentivá-lo a participar de brincadeiras e atividades mais diversificadas, frequentemente negociávamos: ele aceitava brincar ou realizar propostas não relacionadas à escrita em troca de momentos em que pudesse escrever palavras ditadas por mim. Também utilizei estratégias lúdicas, como letras móveis e jogos com números, para unir o aprendizado ao brincar.

Apesar de sua inteligência, Lucas enfrentava desafios sociais. Os colegas frequentemente evitavam se aproximar dele devido ao incômodo causado pelos gritos que ele emitia com frequência. Embora Madalena tivesse mais paciência com Lucas, o modelo de par tutor que funcionou bem no caso de Pedro não obteve o mesmo resultado com ele. Essa experiência mostrou que estratégias inclusivas precisam ser adaptadas às necessidades e particularidades de cada aluno, respeitando suas individualidades e buscando maneiras de integrar todos ao ambiente coletivo.

As características da turma influenciam diretamente a dinâmica em sala de aula. Este relato evidencia que, embora a maioria dos alunos mantenha uma boa convivência, a presença de dois em específico altera significativamente o comportamento geral, tornando o cotidiano mais desafiador.

A sala de aula é, por natureza, um espaço de encontro e troca, onde os sons e movimentos são parte do ambiente. No entanto, neste caso específico, o nível de barulho ultrapassa o esperado, gerando um excesso que foge ao padrão usual. Essa situação não apenas intensifica a agitação entre os alunos, mas também provoca desconcentração, dificultando o andamento das atividades.

Como professora iniciante, inicialmente me senti assustada diante das características da turma. No entanto, posso afirmar que, apesar dos desafios, essa experiência foi extremamente enriquecedora, proporcionando aprendizados que jamais poderia adquirir de outra forma. Estar nessa situação me permitiu crescer tanto profissionalmente quanto pessoalmente, ampliando minha compreensão sobre a prática docente e a importância de lidar com adversidades no ambiente escolar.

4.2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

As atividades foram cuidadosamente planejadas como parte de um projeto especial para a formatura da turma, simbolizando o encerramento da etapa da

educação infantil. O detalhamento completo do planejamento encontra-se anexado a este trabalho. Embora os alunos continuem na mesma escola, a formatura foi organizada para celebrar e reconhecer essa importante conquista. Inspiradas na obra *Noite Estrelada*, de Vincent Van Gogh, as atividades foram concebidas com o intuito de tornar esse momento ainda mais marcante e inesquecível para as crianças e suas famílias.

O objetivo geral foi garantir a participação inclusiva de todos os alunos, respeitando suas especificidades e promovendo o desenvolvimento da aprendizagem, criatividade e apreciação pela arte. Buscando desenvolver o olhar artístico através das obras de Van Gogh, incentivando os alunos a identificarem cores, formas e texturas, além de estimular a expressão artística, criatividade e autonomia por meio da criação de obras inspiradas nas técnicas e temas do artista, como *Girassóis* e *A Noite Estrelada*.

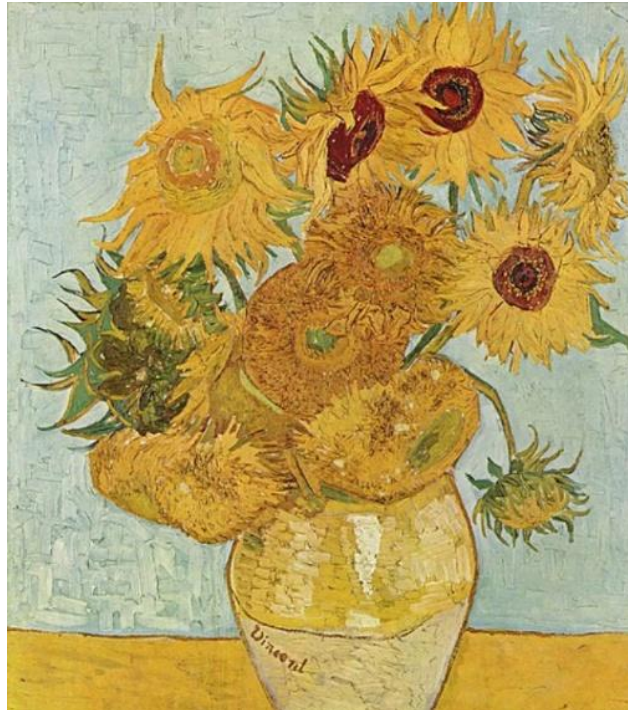
Imagem 1 - A Noite Estrelada de Van Gogh



Fonte: Site da CNN⁴ (2024).

⁴Imagem obtida no site da CNN Brasil: Estudo descobre que céu estrelado pintado por Van Gogh obedece lei da física. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/estudo-descobre-que-ceu-estrelado-pintado-por-van-gogh-obedece-lei-da-fisica/>.

Imagem 2 – Girassóis de Van Gogh



Fonte: *Site Aventuras na História*⁵ (2024).

Além de inserir os alunos em um contexto artístico e cultural, as atividades foram planejadas para desenvolver a coordenação motora por meio do uso de variados materiais, como pintura e colagem. O projeto também incluiu pesquisas sobre as obras e a vida do artista, incentivando a curiosidade e a aquisição de novos conhecimentos. Para fortalecer os laços entre os alunos, foram realizadas atividades colaborativas que estimularam a socialização e o trabalho em equipe, tornando o aprendizado ainda mais enriquecedor e significativo.

Outro objetivo importante foi trabalhar a autorregulação emocional dos alunos, auxiliando-os a compreender e lidar com seus sentimentos de forma mais consciente. Além disso, as atividades realizadas foram apresentadas em uma exposição, que foi montada para o grande dia da formatura, permitindo que os alunos compartilhassem com suas famílias e colegas o resultado de todo o aprendizado que vivenciaram. A exposição foi uma forma de celebrar as conquistas individuais e coletivas de cada criança, destacando o crescimento emocional e artístico vivido durante a jornada.

⁵Imagem retirada do site Aventuras na História: “Doze Girassóis numa Jarra” – 5 curiosidades sobre a delicada obra de Van Gogh. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/doze-girassois-numa-jarra-5-curiosidades-sobre-delicada-obra-de-van-gogh.phtml>.

As atividades foram realizadas ao longo de cinco dias, elas foram cuidadosamente planejadas para integrar arte, inclusão e desenvolvimento de habilidades. No primeiro dia, foi apresentada a história de Van Gogh de forma adaptada, seguida por uma pesquisa das obras do artista utilizando tablets, permitindo que as crianças tivessem um primeiro contato visual com sua produção artística.

Imagem 3 - Pesquisa sobre o artista



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 4 - Reprodução da obra que mais gostaram através de desenho



Fonte: Acervo pessoal (2024).

No segundo dia, os alunos exploraram as cores vibrantes utilizadas por Van Gogh, como o azul e o amarelo, e ampliaram sua percepção artística ao conhecerem como diferentes culturas ao redor do mundo utilizam as cores em suas produções artísticas.

No terceiro dia, os alunos criaram releituras da obra *Girassóis* e realizaram o plantio de sementes de girassol, que foram cuidadas por todos os alunos, integrando o aprendizado artístico ao cuidado com a natureza.

No quarto dia, a atividade central foi a coloração de uma representação da obra *A Noite Estrelada*, incentivando as crianças a explorarem suas percepções individuais sobre a obra.

No quinto e último dia, os alunos aprenderam sobre a técnica do pontilhismo e criaram suas próprias obras inspiradas nas pinceladas de Van Gogh, utilizando cotonetes e tinta, o que contribuiu para o desenvolvimento da coordenação motora fina.

O resultado final das atividades propostas foi apresentado durante a formatura dos alunos, permitindo que as famílias e a comunidade escolar vissem o desenvolvimento e os aprendizados adquiridos ao longo do período. Essa exposição valorizou o empenho das crianças, destacando o progresso individual e coletivo, e reforçou a importância das práticas pedagógicas inclusivas na formação integral dos alunos.

Imagem 5 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (A)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 6 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (B)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 7 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (C)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 8 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (D)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 9 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (E)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 10 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (F)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 11 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (G)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 12 - Exposição da formatura com as artes criadas pelos alunos (H)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

4.3 PROCESSO DE APLICAÇÃO E ADAPTAÇÕES

As atividades foram aplicadas entre os dias 28 de outubro e 1º de novembro de 2024. Durante a primeira observação experimental, analisei como as estratégias utilizadas poderiam promover a participação de todos os alunos. No início da aula, procurei adaptar minha abordagem para garantir que todos os alunos se sentissem incluídos, utilizando recursos visuais e auditivos que atendessem aos diferentes estilos de aprendizagem.

Durante as atividades, mantive uma atenção especial aos alunos que apresentavam maiores dificuldades, como necessidade de mais tempo para compreender as instruções, maior tempo para realizar as tarefas, resistência em participar das propostas e desafios relacionados à coordenação motora fina. Busquei incentivá-los ativamente, promovendo sua participação e oferecendo suporte direto sempre que necessário.

Além disso, promovi o trabalho colaborativo, encorajando os colegas a ajudarem uns aos outros, o que não apenas favoreceu o aprendizado, mas também fortaleceu o senso de comunidade e inclusão entre todos os alunos.

A criação de um ambiente acolhedor foi outro fator importante. Estabeleci normas de respeito e colaboração, abrindo espaço para que os alunos se sentissem à vontade para expressar suas opiniões e questionamentos. Essa abordagem favoreceu a participação de todos, promovendo interação e aprendizado coletivo. Contudo, desafios ainda precisam ser superados. Em alguns momentos, as adaptações não foram suficientes para atender às necessidades individuais de todos os alunos, indicando a necessidade de um planejamento ainda mais cuidadoso.

No primeiro dia de aplicação, delimito o ambiente onde os alunos poderiam caminhar com uma fita adesiva no chão, criando uma área específica para movimentação. Também organizei um "cantinho do desenho" para os alunos que necessitassem de um momento de concentração ou pausa. Os alunos demonstraram curiosidade e receptividade, interpretando o espaço como uma atividade lúdica. Essa observação inicial reforçou o potencial desses recursos para promover autorregulação de forma acessível.

Os alunos utilizaram o espaço sem comprometer as atividades propostas. No "cantinho do desenho", foi combinado que eles pediriam permissão para utilizá-lo quando sentissem necessidade. Apesar de respeitarem o combinado, percebi que alguns o usavam como pretexto para brincar. Ainda assim, o primeiro dia foi satisfatório, com os alunos se apropriando das propostas de forma leve e lúdica.

Todos os alunos utilizaram e se beneficiaram do "cantinho do desenho", mesmo que, em muitos momentos, fosse apenas de forma lúdica, como percebi em diversas ocasiões. No entanto, Pedro foi quem mais se beneficiou desse espaço, especialmente por sua paixão por animais, com um foco particular em peixes. Ele desenhava com detalhes impressionantes e era capaz de nomear os peixes, descrevendo suas características com precisão. Esse espaço, dedicado especialmente para essas atividades, foi fundamental para ele, pois lhe proporcionava uma opção e liberdade criativa, ajudando-o a se desapegar gradualmente do caderno de desenho que ele costumava utilizar como recurso de autorregulação.

Houve momentos em que Pedro solicitava ir ao cantinho por pura brincadeira, não necessariamente por precisar se autorregular. Em outros casos, eu mesma sugeria que ele utilizasse o espaço, especialmente quando percebia sinais de agitação que poderiam comprometer sua concentração nas atividades. Esse equilíbrio entre liberdade e direcionamento contribuiu para que Pedro se sentisse acolhido, enquanto desenvolvia habilidades emocionais e criativas de maneira mais autônoma.

A inclusão escolar vai além de atender alunos com deficiências, abrangendo a criação de um ambiente em que todos possam aprender e se desenvolver, respeitando a individualidade e garantindo equidade no aprendizado.

No segundo dia, durante uma atividade de pintura, um aluno relutou em participar. Identificando essa necessidade, ofereci apoio e, junto com os colegas que o incentivaram, conseguimos que ele concluísse a tarefa. Além disso, uma aluna demonstrou empatia ao explicar para os colegas ausentes sobre os espaços criados na sala. Ela destacou que esses ambientes foram pensados para ajudar na concentração, caso necessário.

Essa experiência mostrou a importância de flexibilizar as propostas pedagógicas. O Pedro, por exemplo, frequentemente pedia para usar o "cantinho do desenho" quando se sentia desconcentrado. Em algumas ocasiões, sugeri que ele utilizasse o espaço, reforçando sua autopercepção e autorregulação.

No terceiro dia, Pedro e Lucas inicialmente se recusaram a participar das atividades, demonstrando resistência. Respeitei o tempo deles e ofereci apoio, incentivando-os a participar. Com o tempo, ambos decidiram realizar as tarefas. Enquanto Pedro ainda trabalhava em seu ritmo, os colegas, já concluídas suas atividades, o incentivaram e ajudaram. Essa colaboração reforçou o senso de comunidade na turma.

Nos dias seguintes, os alunos respeitaram as regras e utilizaram os espaços de forma organizada. A colaboração entre os colegas foi se tornando natural e dinâmica. Em alguns momentos, os próprios alunos percebiam as necessidades dos colegas e sugeriam soluções. Comentários como "vai lá andar um pouquinho, você está precisando" refletem a sensibilidade e empatia da turma, mostrando como a inclusão pode ser enriquecida pela participação coletiva.

Dessa forma, encerra-se esta seção reafirmando a relevância das práticas pedagógicas inclusivas para um ensino equitativo e significativo. No próximo capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados e a análise da intervenção realizada, buscando compreender os impactos e as contribuições das estratégias adotadas no contexto educacional.

5 OLHAR PARA A EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO VAN GOGH

Esta parte do trabalho, busca-se refletir sobre os resultados obtidos a partir da intervenção aplicada por meio do plano de aula em uma turma do 2º período da educação infantil.

O objetivo da pesquisa foi desenvolver, implementar e avaliar atividades pedagógicas inclusivas, considerando as especificidades de cada aluno, e proporcionar o acesso à arte, um recurso muitas vezes inacessível para os estudantes, dada a realidade socioeconômica em que vivem.

A avaliação dos resultados evidencia o impacto dessas atividades na dinâmica da sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem e na promoção da inclusão. Além disso, serão discutidas as contribuições dessa intervenção, bem como os desafios enfrentados ao longo do processo.

A análise dos dados aqui apresentados foi fundamental para uma compreensão mais profunda sobre como aprimorar a prática pedagógica e como ela pode influenciar de maneira significativa o desenvolvimento da dinâmica em sala de aula.

Para atender às necessidades dos alunos com dificuldades de concentração, as atividades foram cuidadosamente adaptadas de maneira segmentada. A utilização de suportes visuais, como a exibição das etapas das atividades no quadro, foi crucial para orientar os alunos e ajudá-los a seguir o ritmo do projeto.

A estratégia de pares tutores, onde alunos que já haviam finalizado suas tarefas auxiliavam seus colegas, se revelou um recurso valioso para facilitar o aprendizado e estimular o trabalho colaborativo. As atividades foram organizadas em duplas ou pequenos grupos, com o intuito de incentivar a interação e o engajamento entre os estudantes.

Como mencionado anteriormente, a estratégia de pares tutores, envolvendo Pedro e Madalena, demonstrou grande eficácia. Essa abordagem foi consolidada ao longo do plano de aula, especialmente no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, e muitos outros alunos aderiram espontaneamente a essa dinâmica.

Em diversas situações, os próprios alunos reorganizavam as duplas para formar grupos maiores, onde todos colaboravam entre si. Minha atuação como mediadora foi fundamental, garantindo que nenhum aluno ficasse sem um parceiro ou se sentisse excluído.

Essas reorganizações aconteciam sempre sob minha supervisão, para assegurar que o ambiente permanecesse organizado e que todos os alunos se sentissem valorizados no processo de aprendizagem coletiva.

A flexibilidade foi um princípio essencial durante a intervenção. Foi criado um espaço físico pré-estabelecido, onde os alunos podiam caminhar, oferecendo um ponto de movimento para aqueles que precisavam se acalmar e reorganizar suas emoções.

Em momentos de agitação, sugeri que os alunos praticassem técnicas de respiração, fazendo uma pausa para se tranquilizarem e retomar o foco nas atividades. O reforço positivo foi uma constante ao longo de todo o processo, com elogios e apoio sempre que necessário, incentivando o esforço e o progresso de cada aluno.

Além disso, um "cantinho da regulação" foi criado, um espaço acolhedor com lápis e folhas, onde os alunos podiam desenhar e se expressar, promovendo o autoconhecimento e favorecendo o controle emocional. Este espaço foi importante para ajudar os alunos a se reconectarem com suas emoções e a retomarem o foco nas atividades propostas.

Essas estratégias se mostraram eficazes na construção de um ambiente inclusivo e colaborativo, permitindo que todos os alunos participassem ativamente das atividades e desenvolvessem habilidades tanto cognitivas quanto socioemocionais.

As intervenções foram ajustadas de acordo com as necessidades observadas em sala de aula, reforçando a importância de uma abordagem pedagógica dinâmica e flexível para garantir a inclusão efetiva de todos os alunos no processo de aprendizagem.

5.1 IMPACTOS DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS

O papel do professor e da escola na inclusão foi fundamental na criação de um ambiente acolhedor e adaptável às necessidades de cada aluno. Como mediadora do processo de aprendizagem, busquei garantir que todos os alunos tivessem acesso às atividades, independentemente de suas dificuldades.

Para isso, utilizei suportes visuais, como a exibição da sequência das atividades no quadro. O espaço da sala de aula também foi reorganizado para permitir

movimentação, o que favoreceu alunos que precisavam de momentos de pausa para reorganizar sua atenção.

Essas ações garantiram que todos os alunos se sentissem parte do processo, o que está alinhado com o que Kupferet *al.* (2017) trazem ao enfatizar que a inclusão envolve um ambiente dinâmico, no qual é necessário um contínuo ajuste do espaço, das práticas pedagógicas e das relações interpessoais para atender às necessidades diversas dos alunos.

A construção do trabalho a partir do laço professor-aluno foi outro princípio essencial na intervenção. Estabelecer uma relação de confiança com os alunos foi crucial para criar um ambiente seguro e estimulante. Ao oferecer suporte individualizado e escutar atentamente as necessidades de cada aluno, pude ajustar as atividades de acordo com as suas particularidades.

Por exemplo, criei um "cantinho do desenho" como um espaço de regulação emocional, onde os alunos podiam se expressar e se acalmar quando necessário. Essa prática de escuta e adaptação contínua reflete a ideia de Kupferet *al.* (2017), de que o professor deve estar atento às necessidades emocionais e sociais dos alunos, criando uma base de confiança que favorece a aprendizagem.

A função exercida pelo colega também foi um pilar da intervenção. Durante as atividades, utilizei a estratégia de pares tutores, onde alunos mais avançados auxiliavam seus colegas nas atividades. Isso não apenas facilitou a aprendizagem, mas também fortaleceu os laços entre os alunos.

A colaboração entre eles se expandiu de forma espontânea, formando pequenos grupos de apoio, o que ajudou a criar um ambiente de aprendizagem cooperativa. Como destaca Kupferet *al.* (2017), a interação entre colegas é fundamental para a inclusão, pois todos podem aprender uns com os outros, fortalecendo a participação e o engajamento no processo educacional.

Esses três princípios - o papel do professor, a construção do laço professor-aluno e a função dos colegas - foram cruciais para a implementação de uma prática pedagógica inclusiva que atendeu às necessidades de todos os alunos, garantindo que todos pudessem aprender de forma significativa e participativa.

As práticas inclusivas são essenciais para garantir a participação de todos os alunos na sala de aula. Pensar em atividades que atendam às especificidades de cada aluno é fundamental para estabelecer um ponto de partida eficaz para o

desenvolvimento dessas ações. Essa percepção torna-se ainda mais clara quando há uma relação estreita entre aluno e professor.

Além de reconhecer a individualidade dos alunos, é primordial compreender seus interesses para criar práticas pedagógicas mais direcionadas e eficazes. Ao entender o que motiva cada aluno, o professor pode planejar atividades mais envolventes e personalizadas, aumentando as chances de acerto e de sucesso no processo de aprendizagem. Logo, “o professor, ao direcionar sua prática visando à elevação das condições cognitivas da aprendizagem do educando, necessariamente terá como ponto de partida os centros de interesse dos alunos” (Lustosa; Melo, 2018, p. 113).

Quando o professor adota um olhar atento, é capaz de identificar as necessidades individuais de seus alunos e, assim, adaptar suas abordagens pedagógicas de forma mais assertiva. Dessa forma:

esse aspecto é importante, ainda, pela possibilidade de mobilização do professor de planejar situações didáticas voltadas para as necessidades dos alunos e, quando necessário, modificações nas atividades. Seguindo esse viés, defendemos o argumento de que o trabalho pedagógico centrado no interesse dos alunos pode potencializar seus estilos e ritmos de aprendizagem. (Lustosa; Melo, 2018, p.112)

Mais importante do que simplesmente apresentar o conteúdo, é criar laços de confiança e conexão entre todos. Na vivência e no entendimento de que, por meio da troca, o aprendizado se torna mais significativo, os alunos se tornam mais envolvidos e interessados. Propostas que, muitas vezes, podem ser simples, mas que são cuidadosamente pensadas para atender a todos, tornam o ensino mais fluido e eficaz, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante.

É fundamental conhecer bem a turma, ouvi-los atentamente e entender que o laço não deve ser estabelecido apenas entre aluno e professor, mas também entre todos os membros da comunidade escolar. Um colega pode ser um importante apoio para o outro, tanto no aprendizado quanto nas questões sociais e emocionais. Portanto, “um professor mediador é a ponte entre a criança e o mundo novo e sabe retirar-se de cena e alterar, gradativamente, sua posição com outros pares que possam também exercer funções de cuidado e interação” (Bulbarelli; Cordaro; Gayotto, 2020, p. 226).

A escola, além de ser um ambiente educador, também lida com questões sociais e emocionais que são essenciais na formação de cidadãos. Essas dimensões são tão importantes quanto o conteúdo acadêmico, pois ajudam a moldar indivíduos mais conscientes e preparados para o mundo ao seu redor.

A prática pedagógica inclusiva em sala de aula exige um cuidado constante, pois é um trabalho complexo e repleto de desafios. Trata-se de um processo pensado e planejado, mas também marcado por tentativas. Muitas vezes, o que o professor propõe inicialmente não funciona como esperado, mas é essencial persistir e fazer os ajustes necessários.

Se a atividade não teve o resultado esperado no primeiro momento, é importante refletir sobre o motivo e adaptá-la. Mesmo com as adaptações, o professor pode perceber que a abordagem original não foi suficiente para alcançar os objetivos. Nesse caso, é preciso planejar uma nova atividade.

Esse processo de tentativas e ajustes é recorrente, mas, eventualmente, a estratégia certa será encontrada, e o aprendizado se concretizará. Dessa forma, “o processo de aprendizagem passa pela superação de desafios que envolvam cada um de maneira significativa” (Arbex; Moura; Vettorazzo, 2020, p.305).

As práticas pedagógicas inclusivas impactam não apenas a aprendizagem, mas também a autoestima, o emocional e o desenvolvimento social dos alunos. É fundamental implementar essas práticas para garantir que todos se sintam acolhidos, aprendam de forma significativa e, acima de tudo, se sintam bem consigo mesmos ao longo desse processo. Desse modo:

o êxito nas atividades escolares tem repercussões na autoimagem e na imagem do sujeito perante o grupo: em um ciclo de positividade, a criança motivada vem a se envolver mais e, motivada, ampliam-se suas possibilidades de aprender o conteúdo escolar ali envolvido (Lustosa; Melo, 2018, p. 107).

Em suma, as práticas pedagógicas inclusivas desempenham um papel crucial na promoção da inclusão e no aprendizado de todos os alunos. A criação de um ambiente respeitoso e acolhedor é fundamental para o estabelecimento de relações baseadas no respeito mútuo, o que fortalece o processo de aprendizagem. Estar em um ambiente inclusivo e acolhedor contribui significativamente para o desenvolvimento de cada aluno, estimulando seu engajamento e favorecendo seu crescimento tanto acadêmico quanto emocional.

5.2 REFLEXÕES SOBRE A DINÂMICA DA SALA DE AULA

Nesta seção do trabalho, serão apresentadas reflexões sobre a dinâmica em sala de aula a partir das práticas pedagógicas inclusivas implementadas e descritas na seção anterior. Para compreender as dinâmicas em sala de aula, busquei uma aproximação com os gostos e interesses dos alunos. A metodologia adotada iniciou-se com a elaboração de um plano de aula cuidadosamente desenvolvido com base nas especificidades dos estudantes, que foram observados ao longo do ano. Este entendimento das particularidades das crianças foi essencial para a elaboração de um planejamento pedagógico direcionado, visando atender às suas necessidades individuais. A este respeito, Lustosa e Melo (2018, p. 112) afirmam que:

valorização e mobilização dos centros de interesse e das iniciativas dos alunos – dimensão importante para a prática pedagógica pelas implicações que tem como fator motivacional da aprendizagem: importa considerar a cultura do aluno e o seu meio, os interesses e as iniciativas dos alunos na promoção do ensino.

Durante a aplicação das atividades, observei uma mudança significativa no comportamento dos alunos, o que impactou diretamente a dinâmica da sala de aula. Inicialmente, eles demonstraram curiosidade em relação aos novos recursos propostos para promover a inclusão, como a fita no chão e o "cantinho do desenho". Por se tratar de uma novidade, os alunos ficaram em silêncio, atentos e curiosos para entender por que a organização da sala havia sido alterada.

Após explicar o motivo da alteração nos espaços da sala, os alunos reagiram positivamente, recebendo a proposta como se fosse uma brincadeira. Foram estabelecidas regras para o uso dos espaços, como a necessidade de pedir autorização antes de utilizá-los e aguardar a vez, caso um colega já estivesse usando o recurso, com o objetivo de manter a organização. Em alguns momentos, as regras não foram respeitadas, o que tornou a sala mais agitada, já que os alunos ainda encaravam os espaços como parte de uma brincadeira. Contudo, é compreensível crianças nesta faixa etária apresentarem maior dinamismo, pois faz parte desta etapa o processo de construção das noções de autocontrole, de regras sociais, permanência, e organização do espaço e tempo. Por outro lado, houve situações em que as regras foram seguidas, e os recursos foram utilizados conforme o combinado.

Essa experiência traz uma importante reflexão sobre a não linearidade do processo educativo. O que funciona em um dia pode não surtir o mesmo efeito no outro, mesmo com o mesmo ambiente e as mesmas pessoas. Cada dia é único, marcado por suas próprias dinâmicas e desafios, exigindo do professor flexibilidade e disposição para adaptar estratégias sempre que necessário. Com isso,

aliada a essa compreensão, justifica-se outra defesa: a de que a educação inclusiva e o êxito escolar de todos os alunos estão ligados, em certa medida, ao processo de elaboração, organização, sistematização e intencionalidade da atividade docente, consumada na prática pedagógica (Lustosa; Melo, 2018, p. 117).

O ambiente da sala de aula está em constante transformação, assim como as atitudes dos alunos, que variam de acordo com diferentes fatores. É importante lembrar que a dinâmica, como o próprio nome sugere, é algo em constante movimento e mudança. Por isso, é essencial utilizar estratégias adaptativas e flexíveis para promover um ambiente harmonioso e produtivo, que favoreça o aprendizado e o bem-estar de todos. Dessa forma, “no ensino de atenção às diferenças, a (re)organização didática para a gestão da sala de aula se mostra como uma necessidade urgente, demandada inclusive pelos próprios sujeitos do processo” (Lustosa; Melo, 2018, p. 118).

Os próprios alunos, por meio de suas interações com o professor, podem sugerir estratégias que contribuam para as práticas pedagógicas. Em muitos momentos, eles apresentam ideias valiosas, e é fundamental que o professor esteja aberto a ouvi-las e considere integrá-las ao planejamento. Essa troca cria um ambiente mais interativo e inclusivo, no qual todos os envolvidos se tornam agentes transformadores e peças indispensáveis no processo. A harmonia da dinâmica em sala de aula depende justamente dessa colaboração mútua, em que cada sujeito desempenha um papel essencial, fortalecendo a aprendizagem coletiva.

5.3 CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS ENCONTRADOS

Neste último tópico, serão abordadas as contribuições e os desafios encontrados durante o desenvolvimento deste trabalho. Os desafios são inúmeros, começando pela identificação das individualidades dos alunos, o entendimento de

seus gostos, interesses e a criação de vínculos. Em um primeiro momento, estabelecer essa conexão pode ser desafiador, mas é essencial persistir. Por meio de tentativas, ajustes e observação constante, é possível desenvolver práticas que promovam a inclusão.

No contexto deste estudo, dois alunos, em especial, demandaram um olhar mais atento e direcionado. Contudo, as estratégias pensadas para eles, beneficiaram toda a turma. É importante ressaltar que cada aluno tem seu próprio ritmo e maneira de aprender, reforçando a necessidade de ministrar aulas diversificadas, capazes de alcançar diferentes estilos de aprendizagem. O cuidado no trato com os alunos e na personalização das atividades é essencial para que o processo pedagógico seja eficaz.

O caso de Pedro, que inicialmente representou o maior desafio, resultou em um desfecho que considero muito satisfatório. Através de observações cuidadosas, foi identificado que ele mantinha a concentração por mais tempo ao realizar atividades de desenho, especialmente quando trabalhava em parceria com Madalena. Essa percepção permitiu a criação de estratégias mais direcionadas, que contribuíram significativamente para o seu desenvolvimento.

Já o caso de Lucas apresentou resultados mais limitados, sobretudo no aspecto social e emocional. Apesar de avanços no aprendizado, as intervenções não tiveram o mesmo impacto no que diz respeito à sua interação social.

As propostas implementadas foram fruto de um trabalho contínuo, permeado por tentativas, erros e acertos ao longo do ano. Só foi possível planejar atividades inclusivas após uma observação cuidadosa e um esforço para compreender as necessidades e potencialidades de cada aluno. Essas experiências reforçam a importância de um olhar atento, da flexibilidade e do cuidado no planejamento das práticas pedagógicas inclusivas.

Como já apresentado anteriormente, Arbex, Moura e Vettorazzo (2020) afirmam sobre um determinado caso acompanhado que: “Apurana aprendia, e mostrava sua aprendizagem. Não era do jeito que esperávamos, nem quando queríamos” (Arbex; Moura; Vettorazzo, 2020, p.300). Essa reflexão ilustra perfeitamente a dinâmica observada neste trabalho. Apesar dos desafios enfrentados, das tentativas que não surtiram efeito imediato e dos planejamentos que precisaram ser ajustados ao longo do tempo, os alunos demonstraram seu aprendizado de maneira própria, no seu ritmo e à sua forma.

Essa citação reforça a ideia de que o aprendizado não é linear, tampouco previsível, exigindo do educador flexibilidade e sensibilidade para acolher e valorizar as diversas formas de expressão e aquisição de conhecimento de cada aluno. Assim, mesmo diante de situações desafiadoras, é possível perceber que o aprendizado acontece, muitas vezes de maneiras inesperadas, mas ainda assim significativo para os envolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste trabalho, retomo o objetivo central: investigar a função do professor e a influência das relações entre pares no processo de inclusão escolar, a partir do desenvolvimento e implementação de uma prática pedagógica inclusiva em uma turma de 2º período da educação infantil. Além disso, buscou refletir sobre a importância das práticas pedagógicas inclusivas e seu papel no contexto educacional; definir as práticas pedagógicas inclusivas, enfatizando o papel do professor, o laço com o aluno e a função do semelhante; compreender o desenvolvimento pedagógico referente à etapa de 5-6 anos e refletir sobre os impactos das práticas inclusivas na dinâmica da sala de aula, considerando as contribuições e os desafios vivenciados durante a experiência pedagógica.

O trabalho buscou questionar e refletir questões fundamentais, como: Como as práticas pedagógicas podem ser elaboradas para promover uma educação inclusiva e quais são os referenciais teóricos que sustentam essas práticas? Como a atuação do professor e as relações entre colegas influenciam o processo de inclusão escolar em uma turma de 2º período da educação infantil, a partir da elaboração de uma prática pedagógica inclusiva?

Essas reflexões evidenciaram a necessidade de estratégias pedagógicas que considerem a diversidade e que estejam fundamentadas em teorias que valorizem a inclusão como um princípio essencial. Foi possível observar que a interação entre pares desempenha um papel central no fortalecimento da aprendizagem e no desenvolvimento social, mostrando-se como uma poderosa ferramenta de inclusão.

Destaca-se a relevância de um olhar atento e sensível por parte do professor, capaz de identificar e atender às necessidades específicas de cada aluno. Esse olhar permite a construção de um ambiente educativo acolhedor e equitativo, onde todos os

estudantes se sintam valorizados e respeitados, garantindo o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Ao longo deste trabalho, foi possível refletir sobre a importância das práticas pedagógicas inclusivas no desenvolvimento da aprendizagem, assim como nos aspectos sociais e emocionais dos alunos. A partir de alguns princípios que compõem as práticas pedagógicas inclusivas, tal qual proposto por Kupferet *al.* (2017), a saber: o papel do professor e da escola na inclusão, a construção do trabalho a partir do laço professor-aluno e a possível função exercida pelo colega, foi possível construir a intervenção descrita em uma turma de 2º período.

Esses princípios orientaram minha prática pedagógica, guiando-me a adotar uma abordagem mais sensível e eficaz, que considerasse as particularidades de cada aluno e as estratégias necessárias para promover uma educação verdadeiramente inclusiva. Compreender meu papel no processo de inclusão escolar foi um ponto essencial dessa jornada.

Essa reflexão me permitiu identificar as especificidades de cada aluno, os desafios enfrentados por alguns e, assim, impactou diretamente minha prática no cotidiano da sala de aula. Perceber que a inclusão não deve depender exclusivamente de diagnósticos formais, mas ser pensada de forma mais ampla, foi uma das maiores lições que esse trabalho me proporcionou.

Em vez de me questionar “o que esse aluno tem?”, passei a focar em “quais são as possibilidades de trabalho com esse aluno?”. Esse ajuste de perspectiva foi fundamental para expandir minha visão e me capacitar a desenvolver práticas mais inclusivas, mesmo sem ter alunos com laudos diagnósticos formais.

Essa mudança de abordagem só foi possível graças à construção de uma relação de confiança e respeito com os alunos. A criação desse vínculo afetivo e pedagógico foi a base para perceber as necessidades e os recursos de cada criança. Além disso, foi minha sensibilidade e abertura para perceber o que estava além dos comportamentos visíveis que me permitiram identificar o potencial da relação entre o aluno e o colega.

Muitas vezes, essa interação se revelou uma estratégia importante para o processo de ensino-aprendizagem, criando um ambiente de apoio mútuo, colaboração e crescimento.

Ao longo do processo, ficou evidente que a inclusão não deve ser vista como algo restrito a alunos com deficiência ou diagnósticos formais. Todos os alunos possuem especificidades, e a inclusão é um princípio que deve ser estendido a todos.

Cada aluno, independentemente de ter ou não uma deficiência, pode precisar de atenção especial em determinados momentos ou para aspectos específicos de seu desenvolvimento. A inclusão, portanto, deve ser entendida como um princípio universal, aplicável a todos os estudantes, pois cada criança traz consigo suas próprias necessidades, ritmos de aprendizagem e formas de interação.

A educação inclusiva deve ser uma prática que valoriza essas diferenças e oferece estratégias e recursos para garantir que todos os alunos possam participar ativamente do processo de aprendizagem, independentemente de suas especificidades.

Em última análise, é fundamental entender que a educação inclusiva vai além de um conjunto de práticas ou estratégias pontuais. Trata-se de um princípio que deve permear toda a prática pedagógica.

O trabalho desenvolvido com a turma do 2º Período evidenciou que a inclusão não se limita ao atendimento às necessidades específicas de alunos com diagnósticos, mas envolve a criação de um ambiente educacional onde todos se sintam parte do processo.

Esse trabalho me permitiu uma reflexão profunda sobre o papel do professor, da escola e da interação entre os colegas, permitindo-me perceber a importância de uma abordagem inclusiva que respeite a singularidade de cada aluno e, ao mesmo tempo, promova uma aprendizagem significativa para todos.

Ao concluir este trabalho, percebo que a inclusão deve ser tratada como um processo contínuo e dinâmico, que exige o comprometimento de todos os envolvidos: professores, alunos, famílias e comunidade.

É fundamental construir coletivamente um ambiente de respeito, acolhimento e oportunidades iguais para todos. O papel do professor vai além do ensino de conteúdos; ele se torna um facilitador da construção de uma cultura inclusiva, que valoriza e respeita as diferenças e promove a convivência saudável entre todos os membros da comunidade escolar.

As experiências vivenciadas na sala de aula do 2º Período mostraram que, embora o processo inclusivo seja desafiador, ele é essencial para promover um ambiente educacional no qual todos os alunos se sintam parte integrante da escola.

O desenvolvimento de uma pesquisa voltada para a construção e aplicação de um plano de aula inclusivo surgiu da necessidade de alcançar os alunos de forma significativa. A proposta visava oferecer a eles o acesso a uma forma de arte que talvez não conhecessem, considerando o contexto cultural e a realidade da comunidade em que vivem, onde esse tipo de cultura poderia ser inacessível.

A escolha dessa abordagem foi impulsionada pela convicção da importância de uma prática pedagógica inclusiva e acolhedora, e sua implementação teve um impacto transformador na minha visão enquanto educadora.

As observações realizadas durante esse processo demonstraram que o ensino inclusivo exige dedicação, paciência, empatia e compreensão. É um processo gradual, de tentativas e ajustes, que demanda um olhar atento às especificidades de cada aluno. Nesse cenário, o educar e o cuidar andam juntos, e é essencial respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança para garantir seu pleno desenvolvimento.

Por fim, é imprescindível reconhecer a importância da sala de aula e dos profissionais nela envolvidos. A qualidade das práticas pedagógicas inclusivas depende das condições e ferramentas que os educadores têm à sua disposição.

O reconhecimento e o apoio ao trabalho docente são fundamentais para a construção de um ambiente de aprendizagem mais justo, acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos, independentemente de suas especificidades, possam se sentir respeitados e valorizados em sua trajetória educacional. Assim, a educação inclusiva se torna uma construção coletiva, que precisa do comprometimento de todos para ser verdadeiramente eficaz e transformar a realidade da escola.

REFERÊNCIAS

ARBEX, A. L.; MOURA, M. W.; VETTORAZZO, S. Quem é Apuana? Olhares que se complementam para a construção do lugar de aluno. In: PESARO, M. E.; KUPFER, M. C.; DAVINI, J. (Orgs.). **Práticas inclusivas II: desafios para a aprendizagem do aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2020. p. 299-319.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [BNCC EI EF 110518 versaofinal.pdf](#). Acesso: 25 abr. 2025.

BULBARELLI, K.; CORDARO, G.; GAYOTTO, A. C. C. Acolhimento de uma criança com Entraves Estruturais na educação infantil: a escola que transforma é também transformada. In: PESARO, M. E.; KUPFER, M. C.; DAVINI, J. (Orgs.). **Práticas inclusivas II: desafios para a aprendizagem do aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2020. p. 217- 228.

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagóg. (online)**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdr7RQjJVSPzTq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2025.

KISHIMOTO, T. M.. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KUPFER, M. C.; PESARO, M. E.; BERNARDINO, L. M. F.; MERLETTI, C. K. I de; VOLTOLINI, R. Princípios orientadores de práticas inclusivas. In: KUPFER, M. C.; PATTO, M. H. S.; VOLTOLINI, R. (Orgs.). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2017. P. 17-33.

LUSTOSA, F. G.; MELO, C. M. N. de. Organização e princípios didáticos para a gestão da sala de aula inclusiva: a gênese de práticas pedagógicas de atenção à diversidade. In: FRANCO, M. A. M.; GUERRA, L. B. (Orgs.). **Práticas pedagógicas em contextos de inclusão: situação de sala de aula – vol. 3**. Jundiaí, SP: Paco, 2018. p. 99-120.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PINTO, F. S. C. N. O que uma criança pode fazer por outra na escola?. In: KUPFER, M. C.; PATTO, M. H. S.; VOLTOLINI, R. (Orgs.). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2017. p. 109-118.

SANTOS, S. M. P. dos (org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedoteca: sucata vira brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

APÊNDICA A – PLANO DO PROJETO

Van Gogh: vida e obra de arte
Faixa etária: Turma do 2º período da educação infantil (05 a 06 anos)
Escola: Escola Municipal de Acuruí
Duração: 05 dias
Objetivo geral: Garantir que todos os alunos participem de forma inclusiva, levando em consideração a especificidade dos alunos, proporcionando o desenvolvimento de aprendizagem, criatividade e apreciação pela arte.
Objetivo específico: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o olhar pela arte através das obras de Van Gogh, incentivando os alunos a identificarem cores, formas e texturas nas obras de arte. • Incentivar a expressão artística, a criatividade e a autonomia dos alunos, estimulando a criação de suas próprias obras inspiradas nas técnicas e temas de Van Gogh, como “Girassóis” e “A Noite Estrelada”. • Promover o desenvolvimento da coordenação motora, por meio do uso de diferentes materiais e técnicas, como pintura e colagem. • Fomentar a inclusão e a socialização entre os alunos, através de atividades colaborativas, onde as crianças trabalhem juntas e se ajudem a completar tarefas artísticas, respeitando as necessidades e o ritmo de cada uma. • Promover a autorregulação emocional e comportamental, ensinando as crianças a lidar com a excitação e possíveis frustrações durante a execução das atividades. • Celebrar o desenvolvimento artístico e social das crianças, apresentando suas criações em uma exposição final como parte da cerimônia de formatura, permitindo que cada aluno se sinta valorizado e reconhecido por suas contribuições únicas.

Metodologia:

Dia 01: Apresentação do artista Vincent Van Gogh e suas obras.

Atividade: Será apresentado para os alunos a história sobre a vida de Van Gogh, adaptada para a idade dos alunos. Após apresentação da história cada aluno irá receber um tablet para pesquisarem e conhecerem algumas de suas obras.

Materiais: Livro infantil ilustrado sobre Van Gogh e tablet.

Dias 02: Explorando as cores de Van Gogh

Atividade: Além de explorarem as vibrantes cores do Van Gogh em sua arte, como o azul e o amarelo. Os alunos vão explorar o uso de cores em diferentes partes do mundo, inspiradas nas cores de Van Gogh. Expandindo seu conhecimento cultural e a apreciação pela diversidade na arte.

Materiais: Mapas, imagens de obras de diferentes artistas e culturas, tinta, pincel, papel, folhas de lixa, papel colorido, lápis de cor, giz de cera.

Dia 03: Releitura da obra “Girassóis”

Atividade: Os alunos irão conhecer a obra “girassóis”, criar sua própria versão dela e fazer o plantio de um girassol, que será cuidada ao longo do projeto.

Materiais: Papeis, cola, tesoura sem ponta, lápis de cor, tinta amarela, terra, semente de girassol.

Dia 04: Colorindo “A noite estrelada”

Atividade: Os alunos irão colorir uma representação da obra “Noite estrelada”. A releitura das obras permite que os alunos explorem suas próprias percepções e estilos artísticos.

Materiais: Papel, lápis de cor, giz de cera.

Dia 05: Técnica de Pintura – Pontilhismo

Atividade: As crianças aprenderão sobre pontilhismo e criarão uma obra inspirada em Van Gogh usando essa técnica inspirada nas pinceladas do artista. Essa atividade desenvolve a coordenação motora fina dos alunos.

Materiais: Tinta, papel e cotonete.

Estratégias gerais para inclusão de toda a turma:

Atividades segmentadas e pausas sensoriais - Para os alunos com dificuldade de concentração, as atividades serão oferecidas em partes. Por exemplo, 10 minutos da atividade proposta seguida de um intervalo sensorial. Será oferecido entre os intervalos uma caminhada rápida, uma atividade de alongamento e/ou o uso do caderno de desenhos.

Suporte visual – Será apresentado no quadro o passo a passo das atividades, mostrando a sequência das atividades. Proporcionando segurança e previsibilidade, as crianças pequenas tendem a se sentir mais seguras e confiantes quando sabem o que esperar. Anteceder como serão as atividades do dia, dá uma noção clara do que acontecerá durante o dia, proporcionando um ambiente mais estável.

Pares tutores – Um colega de classe pode ajudar os colegas que tenham dificuldades de se manter engajado e com pouca concentração.

Atividade em dupla ou pequenos grupos – Incentivando a interação social dos alunos, onde eles compartilham ideias e materiais. Uns ajudando aos outros em um trabalho mútuo.

Flexibilidade - Em vez de exigir que o aluno fique sentado o tempo todo, permitir que ele se movimente dentro de uma área pré-estabelecida. Proporcionar um “ponto de movimento” para ajudar a canalizar a energia sem que as atividades sejam prejudicadas.

Respiração – Em momentos que a agitação estiver grande, convidar os alunos para pausarem as atividades e fazerem um trabalho de respiração profunda rapidamente para ajudar a acalmar e conseguirem terminar a atividade com mais tranquilidade.

Reforço positivo – Oferecer uma recompensa, como um coração ou uma estrela para os alunos que tiverem comportamentos desejáveis. Lembrando de elogiar quando necessário.

Espaço de regulação ou de calma – Oferecer um espaço dentro da sala de aula com livros, brinquedos sensoriais ou atividades relaxantes para os momentos que os alunos estiverem se sentindo sobrecarregado.

Observação: As atividades produzidas culminaram na exposição das obras no dia da formatura dos alunos, celebrando o desenvolvimento artístico e social das crianças e reconhecendo suas conquistas.